



## MIL TONS DE VIDA: A COR E O SOM DO CINEMA DE LÍNGUA PORTUGUESA<sup>√</sup>

Patricia H. Fuentes LIMA\*

### RESUMO

O ensino de português como segunda língua ou como língua de herança é um campo já bem estabelecido e respeitado no Exterior, particularmente no ambiente acadêmico americano. Ainda que a realidade do ensino de língua portuguesa em seus países de origem não careçam de fontes materiais ou imateriais, o mesmo não pode ser dito a respeito dos cursos ensinados em português ou sobre as culturas de língua portuguesa. Além do ensino de gramática e sua sintaxe, uma gramática cultural precisa ser apresentada e recriada distantes de seus cenários nativos. A música, o cinema e outras práticas culturais como a capoeira são de vital importância na otimização do aprendizado desses saberes. Uma vez que múltiplas camadas de significado presentes numa variedade de ritmos nacionais, além da opulência de imagens presentes em inteligentes documentários e filmes, assim como os mistérios da linguagem corporal e outras práticas sócio-culturais do corpo em movimento, como as presentes nos movimentos das rodas de capoeira são mais facilmente compreendidas e representadas em salas de aula com um público estrangeiro, ao passo que a complexidade da semântica é aliviada na cuidadosa incorporação destes elementos. O filme e a música não devem ser vistos apenas como uma contribuição ou testemunho de uma época ou movimento artístico, mas sim, como um vivo arquivo de sentimentos, sonhos e crenças presentes nas identidades nacionais de língua portuguesa.

Palavras-chave: língua portuguesa. Ensino de segunda-língua. Gramática cultural. Música, cinema e fontes imateriais.

<sup>√</sup> Artigo recebido em 02 de abril de 2017 e aprovado em 12 de junho de 2017.

\* Doutora em Línguas e Literaturas Românicas (concentração em literatura luso-brasileira) pela Universidade da Carolina do Norte (Chapel Hill, EUA). Atualmente desenvolve trabalhos relacionados à autobiografia em acervos literários inéditos. E-mail: <pattifuentes@gmail.com>

“Eu sou da América do Sul/Eu sei vocês não vão saber/mas agora sou cowboy/sou do ouro/Eu sou vocês/sou do mundo/sou Minas Gerais...”. A música **Para Lennon e McCartney** foi escrita no final da década de 1960, por Fernando Brant, Lô e Márcio Borges. Os versos, que acompanham a melodia, funcionaram em português como uma carta-canção para os ídolos planetários da música mundial, respectivamente John Lennon e Paul McCartney, integrantes da banda inglesa conhecida como o Beatles. Esta carta-canção fala de certa invisibilidade e de um evidente anonimato experimentado por um grupo de compositores e intérpretes, provenientes da América do Sul, de um país chamado Brasil, cuja língua oficial é o português. A poesia do **clube da esquina**, que compunha em idioma nacional e que trazia a beleza das sonoridades do Estado de Minas Gerais, não possuía a atenção e a representatividade dos colegas ingleses. Esses colegas escreviam e cantavam na língua de Shakespeare e encontravam-se nos países que detinham o aparato tecnológico necessário para a divulgação em escala planetária.

Sabe-se hoje que a indústria de cinema americano foi incrementada com a ascensão do nazismo no final da década de 1930, uma vez que diretores, atores e técnicos europeus assustados com a política totalitária do Estado alemão, veem-se naturalmente atraídos para uma Hollywood pujante e liberal. A exportação do cinema e dos programas de televisão americana ganharam espaço principalmente após a Segunda Guerra Mundial com a derrocada da Alemanha de Adolf Hitler e a ascensão dos Estados Unidos como país vencedor e o principal responsável pela recuperação da Europa em ruínas.

A onipresença da língua inglesa no mundo tornou-se a prova inequívoca de uma conquista e de uma supremacia histórica vivida e alcançada no pós-guerra do final da década de 1940. Os poderosos e sofisticados estúdios de cinema alemão, inventores e promotores da tecnologia de ponta, relacionados a todo tipo de material fotográfico, películas e outros artefatos necessários e que eventualmente se tornaram importantes parceiros na propaganda política nazista, não ameaçavam mais o mercado de entretenimento mundial. Surge então em sua glória, saúde e esplendor, o cinema americano. Potência não apenas econômica, mas ideológica, em clara disputa com a então União Soviética no domínio político e militar do

mundo. O inglês americano negocia o capital cultural, permutando a caixa de sonhos, ilusões e ideologias.

O *american way of life* traz um modo de vida, uma forma de agir, pensar e principalmente o consumo de produtos. Lembrem-se dos filmes sobre o longínquo oeste americano nas narrativas que descreviam heróis solitários na vastidão da fronteira estadunidense. Gerações de espectadores aprenderam a pensar os Estados Unidos como a nação dos *cowboys*, onde os indígenas ocupavam o papel de selvagens hostis e belicosos. Essa temática só vai sofrer sutis modificações nas décadas de 1960 e 1970, coincidindo com a deflagração dos direitos civis no país. É através da narrativa do cinema americano que aprendemos a reconhecer o impacto da ciência e da tecnologia no destino da humanidade, ilustrado em filmes como **O dia que a terra parou; 2001, uma odisseia no espaço** entre tantos outros. Embutido no pacote linguístico e semântico americano, incorpora-se também um modelo de beleza: caucasiana, heterossexual, dotada de uma sexualidade inocente e acidental personificada por atrizes e atores como Marilyn Monroe, Rita Hayworth ou Jude Garland, a estrela do filme **Mágico de Oz**.

Na década de 1950, Hollywood, no Estado da Califórnia, se consolida como uma emissora de modos de vida. É através da suntuosidade das cores em suas películas, das narrativas variadas e das trilhas sonoras que irradiam o jazz, o rock, o blues e tantos outros ritmos. Não são apenas as trilhas que exportam sentimentos e sonhos, filmes de diferentes gêneros introduzem diálogos, ritmos, pausas e resoluções. São as falas em inglês. Os atos de fala que explicam e comunicam contextos exóticos ao público internacional. Gradualmente, expressões como: *help, kiss, I love you, please, thank you, happy end* entre centenas de outras tornaram-se patrimônio universal. O português do Brasil nas últimas décadas incorporou *drink, ferry boat, light, link, site insight, sex-appeal, macho-man, drag queen, gay* entre dezenas de outras, muitas vezes mantendo a grafia, mas alterando-lhe a pronúncia. O compositor Zeca Baleiro, na composição **Samba do Approach** assim como o ex-ministro da Cultura, Gilberto Gil, em **Parabolicamará**, brincaram em letra e verso, com as viagens lexicais feitas a estes dois hemisférios.

Da ensolarada Califórnia americana, filmes como **O mágico de Oz, E o vento levou, O pecado mora ao lado**, traduziram e apresentaram ao mundo a beleza, o sonho e a inventividade da vida americana dentro do Continente,

popularizando Judy Garland, Vivian Leigh e Marilyn Monroe. O cinema americano teve papel primordial na veiculação da ideologia de viver e comunicar-se de toda uma nação e conseqüentemente de sua língua, ainda que a Inglaterra tenha sido a matriz sonora do idioma. É através do inglês americano que o mundo viu, ouviu e compreendeu a vida estrangeira onde quer que ela estivesse.

A força deste cinema ofereceu ao mundo a **versão do vencedor**, no caso, o ponto de vista dos países aliados a respeito da luta entre o bem e o mal. Os aliados liderados pelas forças americanas e guarnecidos pela prosperidade desse país em relação à Europa, onde a Segunda Guerra Mundial tinha deixado em ruínas países como a Inglaterra, a Itália e a Alemanha, criam as condições ideais para a veiculação do **americanismo**, seja ele na forma de comédia, filme policial, drama, musical ou outros gêneros igualmente populares. A indústria de cinema americana fomenta o **protagonismo** estadunidense, reservando a indústrias europeias, outrora competitivas no pré-guerra, o silêncio e a **sombra**. O professor Gilberto Mendonça Telles em O silêncio, em seu livro **A retórica do silêncio** (1980), nos alerta sobre a importância de compreender o que está oculto, o que não é mostrado ou tudo aquilo sobre o que se silencia, há silêncio que tem sentidos, ele afirma: “Não propriamente a sabedoria do calar, do não dizer por já haver dito tudo. Mas a sabedoria do que foi dito, do que ficou à margem, ou no centro, o que por ser mais denso não pôde subir à superfície no rio da linguagem” (TELLES, 1980, p. 13). A abundância de produtos estadunidenses vai criar os “subúrbios da fala” (TELLES, 1980, p. 13) no cenário mercadológico mundial, prevalecendo de forma duradoura o olhar americano, em detrimento de outros cinemas, cuja expansão se fará de forma mais lenta e menos ruidosa.

Neste contexto de história, imagens e sons onde encontramos o cinema como um grande difusor de culturas, comprovamos que a língua sempre foi e será uma tecnologia por si própria, ainda que vivamos nas duas últimas décadas uma explosão nos aparatos comunicativos e conseqüentemente da tecnologia que viabiliza o ensino, a pesquisa, a difusão de informação e as possíveis formas de agremiação seja através do *youtube*, seja por meio do *skype*, dos correios eletrônicos, do fórum virtual e das redes de relacionamento como *orkut*, *linkedin* e *facebook*, este último, uma tecnologia aprimorada dentro da visão americana de seletividade, organização, despersonalização e princípio individualista de escolha e

associação. Comunicar-se é conquistar, cativar, comercializar, intercambiar, operar trocas com transparência, agilidade e rapidez.

O inglês trouxe a era científica, a conquista à lua, o mundo das máquinas, o culto ao trabalho e a crença na eficiência, rapidez e produtividade. Através do idioma do dramaturgo inglês William Shakespeare, popularizado pelo astro de faroeste John Wayne, sugeriu-se uma realidade proveniente dos ideais estadunidenses que sempre aspirou a conquista da última fronteira do igualitarismo, do individualismo e da privacidade como direitos da humanidade. O inglês americano redefiniu o espaço público e as fronteiras do privado. Trouxe uma nova realidade histórica que não se define mais como o aqui e o agora da realidade histórica e presencial, mas promoveu a capacidade de se fazer escolhas nos campos afetivos, político e social, porque a *internet* inclui, mas também exclui, edita e deleta.

As ascensões da tecnologia contemporânea confirmam isso, na venda dos computadores, telefones, cartuchos e *tablets pessoais*, como o *Ipod*, o *Ipad* e os *Iphones*. O **I**, representativo do **eu**, conjuga uma cultura promotora das liberdades e desfrutes individuais. Independência, autonomia e separatividade. As interações comunicativas se inspiraram em necessidades inerentes à cultura dos Estados Unidos. Dessa forma, o privado é assegurado na troca de *e-mails*, nas ligações por celular ou por *skype*, ao passo que o público é experimentado na criação de avatares digitais, que fazem da web o espaço da performance, da exibição, e em segundo plano da enunciação.

A língua inglesa trouxe o vocabulário contemporâneo construído em favor das correções históricas e mais conhecido como o **politicamente correto**, que surge das características nacionais dessa cultura que afirmando seus ideais mais profundos, promove a revisão histórica necessária após a eclosão dos movimentos pelos direitos civis, no final da década de 1960. A língua inglesa deve, portanto, acolher a igualdade de tratamento respeitosa tanto para homens, quanto para mulheres, sejam eles negros ou brancos. A americanização dessa forma de olhar a realidade tem influenciado não apenas a comunidade anglofônica, mas a de outros falantes no mundo.

E o que podemos dizer a respeito da lusofonia? O português é a língua oficial de países em quatro continentes. O português é também falado por muitas pessoas nos Estados Unidos. Em várias regiões da América do Norte a presença da língua e

da cultura lusófona é bem estabelecida. Em muitos estados americanos, como Rhodes Islands, Massachussets, Miami e Boston, por exemplo, o português é a segunda língua mais falada, depois da língua oficial, o inglês. Em todas as grandes metrópoles urbanas, de São Francisco a Newark, de Toronto no Canadá a Honolulu no Havaí, assim como de Chicago a Miami, podemos encontrar falantes de português. Nos Estados Unidos, os pioneiros no fluxo imigratório foram os açorianos e os portugueses, logo seguidos por cabo-verdianos e mais recentemente brasileiros, ainda assim toda a comunidade de língua portuguesa é representada no país.

Mundialmente a língua portuguesa tem mais de 230 milhões de falantes nativos. É a quinta língua mais falada no planeta e a terceira mais falada no mundo ocidental. Há cerca de vinte línguas crioulas de base portuguesa. É também uma importante língua minoritária em Andorra, Luxemburgo, Namíbia, Suíça e África do Sul. Em muitas comunidades de emigrantes na França, no Canadá, nos Estados Unidos e no Japão se fala o português. Ele é uma das línguas mais faladas do mundo. Dos 230 milhões de falantes, a maioria vive no Brasil (185 milhões) e Portugal (11 milhões). É a língua mais falada na América do Sul e a língua materna de mais pessoas que o francês ou o japonês. Na Ásia é a língua oficial do Timor Leste e também se fala em Macau (China) e Goa (Índia). Na África, os países lusófonos\* são Guiné-Bissau, Angola, Moçambique, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, ex-colônias de Portugal. Ele também é uma das línguas oficiais da União Africana, a União Europeia, a Organização dos Estados Americanos e o Mercosul. O mesmo ocorre com o abrasileiramento do português falado de várias nações. O Brasil atravessou o século XX, abandonando o papel de receptor e se consolidando como emissor de culturas, devido à popularização de seus produtos na literatura, na música, no cinema ou na televisão por meio das telenovelas e programas de rádio em escala continental e internacional.

Dirigentes brasileiros ocupam lugar de opinião e decisão ao se tornarem membros de blocos econômicos como o Mercosul ou o BRIC ou consultores e anfitriões dentro do Grupo dos oito em Davos, Fórum de Porto Alegre e a histórica Rio-92, que cunhou o conceito de desenvolvimento sustentável. Em julho de 2014, festejamos as jornadas pela juventude, que naquele momento promoveu o tema “Ide e fazei discípulos em todas as nações”, promovendo amizade, paz e

espiritualidade. Nos anos que se seguiram, cidades brasileiras despontaram como anfitriões dos grandes jogos da amizade, respectivamente a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016 surgiram como uma forte referência para a causa da diversidade biológica e cultural.

O estrangeiro que se enveredar pelo caminho que conduz ao aprendizado de português como segunda-língua, perceberá que o léxico brasileiro acolhe diferenças, mas acentua hierarquias, o tratamento especial, os atalhos, o famoso **jeitinho**, que compensa a falta de planejamento e infraestrutura com improviso e flexibilidade. A cultura do português brasileiro sugere espaços intermediários, como nos comenta Roberto da Matta, em **Racismo à brasileira** (DA MATA, 2004). Gradações nas formas de ser e estar, comprova duradouras hierarquias, como podemos comprovar na inumerável lista de pronomes de tratamento em português, encontrada nas gramáticas mais tradicionais e a qual Isabel Roboredo Seara e Isabelle Simões Marques se referem e comentam detalhadamente em **Fundamentos do ensino de Língua Portuguesa como língua estrangeira** (2016); Edward Telles, em **Race in another America**, (2004) cita a consistente gradação de cores existente na autoimagem do brasileiro, relato do censo de 1998, uma vez que os brasileiros quando perguntados sobre a sua raça se descreveram dentro de caleidoscópio de cores e matizes que abrangia na linguagem popular desde o moreno, moreno-claro, negro, afro-brasileiro, mulato, moreno escuro, amorenado, bem moreno, bugre, branca morena, branca queimada, corada, cabocla, crioula, galega, sarará, cor-de-leite, jambo, marrom até o chocolate entre mais uma dúzia de outros adjetivos. Telles (2016, p.152) lembra que *“the general culture disseminates and accepts the ideal of a racial hierarchy which Brazilian in turn perceive as natural: this provides them with a logic for understanding and legitimizing the racial order.”* E ainda na contundente e complexa percepção racial entre diferentes membros de uma mesma família, como citada pela jornalista Stephanie Nolen, em **Brazil Colour Bind**:

Há também a percepção distintiva dos diferentes matizes de verde que se produzem sob luzes tropicais, como é o caso do verde-bandeira, verde-água, verde-limão, verde-abacate, verde-menta, verde-oliva, verde musgo - azul petróleo, azul piscina, azul-marinho, azul royal, que são assim nomeados pelas gentes destas latitudes, da mesma forma que há o conhecimento de que os povos do Ártico conseguem

distinguir sessenta e tons de branco (NOLEM, 2017).

O mesmo se conta no romance dinamarquês **Fröken Smillas känsla för snö**, traduzido para o inglês como **Smillas Sense of Snow** ou **A Senhorita Smilla e os sentidos para a neve**, de Peter Hoeg, (1995) a respeito dos conhecimentos das *nuances* de branco em territórios escandinavos, percepções que explicam e iluminam os mistérios das vidas das pessoas, criando o caleidoscópio de cores e silêncios que vemos, por exemplo, em **Nhá Fala**, título do filme em crioulo a respeito da independência de GuinéBissau ou em **Terra Sonâmbula**, (1992) inspirado em obra de Mia Couto, que disserta sobre os escombros do morticínio em Moçambique.

O **tudo azul** do brasileiro contrasta com o *blues* da tristeza e do desespero americano. *She got the blues*, que em português significa, ela está triste, ela está deprimida; nós brasileiros raramente sofremos em azul. O azul por assim dizer, gera uma potência de bem-estar, de bem viver, de alegria. É a cor do mar que nos purifica, do céu que nos protege e do culto de Iemanjá e da Virgem Maria. O azul está para a benção, assim como o vermelho para a contenda e o branco para a receptividade. Vestimos o branco na virada do ano bom, no batismo e nas rodas de capoeira. O branco une, integra, propõe uma possível unidade, ainda que momentânea.

A língua não é apenas moeda, meio de troca, compra e venda. A língua é filtro, lupa e sensor, porque distorce, reduz, otimiza e condensa formas de negociar, decidir e se associar. Na sua forma mais primária arquiva, transporta, comunica intenções, sentidos, sentimentos e informações. A língua é linguagem, é forma de agir, vestir, soar e materializar ideias, simpatias, temperamentos e soluções. Ela se condensa em dicionários, tabelas de verbos, gramáticas prescritivas, livros de idiomas, mas principalmente em poemas, fotografias, canções, livros, filmes e documentários. Ela está nos modos de cultivar, extrair, selecionar, preparar, cozinhar e servir. As histórias de uma língua são como nos explica Italo Moriconi, (2001) capital linguístico, salvaguarda do nosso patrimônio estético e afetivo.

Uma língua se emite por todos os seus sentidos - paladar, visão, olfato e tato. Na qual se encontra a diferença do uso do verbo saber e do verbo conhecer. Você sabe falar o português?, Já sabe os verbos irregulares, Você conhece a comida brasileira?, Você conhece aquele perfume do boticário?, Você conhece a Lapa?,

Vocês conhecem aquela música nova do Roberto Carlos?. O saber da mente, do intelecto, da razão, da contabilidade material de tudo. O conhecer está para a vida, para o coração, para as experiências dos sentidos. Por que o português utiliza dois verbos o ser e o estar no lugar em que o inglês só permite o *to be*? Por que o espanhol chama de estranhos aqueles cuja distância os afastou de seus afetos, ou de *exquisito* a algo extraordinariamente bom? Por que dizemos **tudo azul** quando queremos dizer tudo lindo, tudo maravilhoso, tudo perfeito?

Nas palavras do premiado escritor e Nobel da Literatura José Saramago, em entrevista para o documentário **Vidas: línguas em português** (2010): “Para conhecer uma coisa, há que dar-lhe a volta, dar-lhe a volta toda”. Os programas de língua portuguesa internacionais representam essa possibilidade de dar a volta, de girar, conhecer, emitir o saber da língua, na sua dinâmica de perdas e ganhos, nessas **rodas abertas** expomo-nos nesta capoeira maior que é o mundo, onde a porção portuguesa contribui e coopera. A língua portuguesa, essa estrangeira no norte-americano do mundo, se exerce e se fala e joga promovendo os seus valores, crenças, modos e sentidos. Os programas de português internacionais promovem cada vez mais a música, o cinema, a capoeira, a literatura e a língua como bens, como acervos humanitários em serviço de uma causa global. O português e os seus agentes servem ao mundo, apresentando-se na roda do planeta. O português brasileiro, português, moçambicano, seja ele carioca, seja lisboeta expande a sua forma de vida, a sua essência, o seu saber, a sua excelência. Ele ginga, avança, recua e vive as negativas cantadas e vividas na escura pele de Mestre Bimba e Mestre Pastinha, inventores do modo regional e espiritual da Capoeira Regional e da Capoeira de Angola. A sua fala onde quer que ecoe é a afirmação de uma forma de viver. A língua é tecnologia de transporte, suporte sonoro, caixa-arquivo de existências. E como dizemos naquela cantiga de capoeira “brincadeira tem hora/ joga com marra e mandinga/esse jogo é tihoso, não é Angola, é capoeira do mestre Bimba”. O planeta não comporta mais guerras frias ou indiferenças pacíficas. Os estudos mudaram de nome, os programas de língua cada vez menos servem às relações internacionais, não tratamos mais apenas das relações entre nações, as relações internacionais, somos cooperativas em favor dos estudos globais, fomentamos o aperfeiçoamento do planeta, e para isso, já nos disse antes Saramago - é necessário conhecê-lo.

Para tanto o acervo musical e a filmografia em língua portuguesa se tornaram componentes essenciais dos currículos em línguas românicas, seja na forma de longas-metragens ou documentários. Nos cursos de língua francesa, italiana ou espanhola, oferece-se o estudo desses cinemas, representantes do imaginário desses falantes. Temas como influência, empréstimos, alusão, paráfrase e epígrafe são uma constante no ensino de língua estrangeira nos Estados Unidos. O cinema de fala lusófona cumpre o seu papel de máquina de sonhar, ele é o difusor do protagonismo das gentes e dos lugares, assim como a música transporta o sentimento, a emoção e o ritmo. É preciso mais do que traduzir, para isso existem os dicionários, as gramáticas bem editadas e os manuais do bom escrever. É necessário oferecer a polissemia das situações e desafios, a sonoridade das épocas, dos gêneros e da experiência dentro das peles.

É essencial trazer as cores dos estados de espírito, no que lhe garante existência e legitimidade, seja na dor, na fé, no desvario, na saúde e na superação. É dessa forma que alcançamos as dimensões das janelas da alma de mulheres como as cozinheiras Florípedes e Gabriela, a professora e poderosa heroína Verônica ou a jovem Suelly, protagonistas de **Dona Flor, Gabriela cravo e canela, Verônica** ou o **Céu de Suelly**. Qual é a cor do desespero e seu possível remédio no autobiográfico, **Era uma vez eu, Verônica**. E é na ambiência de **Madame Satã, Besouro** e nos diários recriados de **Vida de menina**, inspirados na obra da mineira Helena Morley que despertamos para **as amarras e algemas** de uma velha visão de mundo. É no exercício e na descoberta de uma gramática de comportamentos, ideias e sentidos que infiltramos as muitas gramáticas culturais. Nesse terreno de sotaques, regionalismos, idiomas e preferências, constroem aluno e professor junto, novas identidades pessoais e quem sabe um sentido mais universal de cidadania.

É no fabulário de nossa casa, a nossa língua e tudo que ela atrai, omite e faz prosperar, que estabelecemos as nossas fronteiras dentro do planeta. O que quer dizer o silêncio da família de Sinhá Vitória em **Vidas Secas**? Por que o capoeirista do filme **Besouro**, assunto de lendas e personagem de filme, precisa voar? E o que a navalha de Madame Satã realmente corta? Sabemos com toda certeza o que está aprisionado dentro dos muros do **Carandiru**? Sabe você realmente vestir/ler todas as matizes dos panos-manuscritos do Sudoeste africano? Que histórias se

escondem na Dobra da Capulana como nos mostra o documentário de Camilo de Souza e Isabel Noronha?

O português brasileiro com sua ginga, graça, roubos e enxertos é o patrimônio da biografia emocional e histórica dos descendentes da diáspora africana, sendo língua – testemunho da interação entre europeus e ameríndios no território brasileiro. O português europeu se americanizou, tornou-se brasileiro, lavrou-se no sangue e nas lágrimas da grande travessia transatlântica, quem era rei, aqui virou escravo, e quem era liberto, aqui viveu o infortúnio e o banzo do desterramento. É banzo, dizem hoje os milhares de brasileiros espalhados pelo mundo — Estados Unidos, Japão, Portugal, entre tantos. Dizemos é banzo, é saudade, quando tentamos explicar aquele sentimento de pertencimento, que só o samba e a bossa amenizam, aliviam e nos acalmam na nossa outra vida, na nossa vida além da vida, na nossa vida no além-mar.

É desta forma ou de outras que o português como língua estrangeira dentro dos Estados Unidos desponta como uma plataforma modelo para uma nação que agregue, mas do que respeite ou tolere as diferenças. Podemos falar do caso no Brasil, no país em que o mestiço possui uma existência e validade cultural e que foi o porto final para aproximadamente quinze milhões de negros de guiné e que foi espaço para o apagamento e transformação das biografias de duas nações indígenas.

O português se faz comunidade e língua de influência nas cidades de Boston, Miami, Charlotte, Nova Iorque, Newark entre dezenas de outras cidades americanas, onde a capoeira surge como forma de enfrentar a opressão da vida. Na capoeira, jogo nascido no Brasil, não importa a vitória do bem contra o mal, mas sim a sustentação do jogo, a manutenção das formas de vida, a capacidade para promover o equilíbrio da aceitação e a coexistência de toda a forma de vida, porque sabemos que **o mundo dá volta, camará.**

A cultura do português infiltra-se por meio da linguagem da capoeira, difunde-se na batida do *funk* carioca, na linha melódica do samba e da bossa. Discursos de enfrentamento e sobrevivência. Resistência cultural. Na simetria que a roda sugere, sabemos que somos todos iguais, mas que antes de planejar a destruição do oponente, precisamos reconhecer a sua força e canalizá-la. Dentro da roda, não existe erro ou acerto, vencedor ou vencido, ninguém perde, ninguém ganha.

Nas aulas tradicionais e corriqueiras de quase qualquer língua estrangeira é natural que comecemos a abordar a língua através dos cumprimentos: *Hello, Ciao, Ola, Bon Jour*, ou Olá. O aluno em solo americano acredita muitas vezes que a expressão oral será suficiente, mas eu advirto e incentivo: “Não, agora tem que tocar, tem que abraçar, tem que beijar, tem que tocar a mão uma na outra, tem que estar perto, sentir o calor, e tem que verdadeiramente interagir”. É um pouco como afirmou há pouco mais de um ano, Robson Machado na edição dominical do jornal **O Globo**: “Os escravos, meus avós diziam, viviam coletivamente. A gente também. Ninguém aqui caminha individualmente. Carregamos a marca da escravidão até na identidade. Mas temos prosperado”. Viver comunitariamente, apropriarmo-nos de nossa herança e de nossos escombros como vemos em **A ilha dos espíritos**, do brasileiro Licínio de Azevedo, quando documenta a alma mater, a Ilha de Moçambique, testemunho geográfico das origens do continente.

Faz-se importante a inserção dos movimentos de música popular de expressão lusófona como difusores e multiplicadores do saber e conhecer em português. A história do cinema lusófono e sua manifestação crítica e artística funcionam como norteadores do que há de criativo e original na nossa forma de olhar, além de valorizar não apenas o cânone, mas o que se estabelece como narrativa independente e nem sempre linear.

A música resgata não apenas a história oficial, ou de épocas, mas recorda que o coletivo se organiza através de unidades subjetivas, complexas e amorfas. O espírito, o silêncio ou as batidas de uma personalidade, clã ou entidades, manifestam-se de forma sensível no bater dos tambores, no lamento doce do fado e no ecoar das amizades como nos ensina o clube da esquina, dos poetas e compositores Lô Borges, Fernando Brant e seu maior intérprete Milton Nascimento. É também no frescor e na alma das matas que se reconstroem o trajeto para o nosso passado e ancestralidade, como constatamos em boa parte das canções inspiradas na mata brasileira, e que é sintetizada de forma minuciosa, na bossa nova de Antonio Carlos Jobim, em sua canção **Águas de Março**. O cânone lusófono trata não apenas da beleza e fantasia de suas narrativas, mas em tudo que dela se depreende para um mundo com mais justiça social, igualdade, visibilidade e equilíbrio ambiental.

## ONE THOUSAND SHADES OF LIFE: THE COLORS AND THE SOUNDS OF LUSOPHONE CINEMA

### ABSTRACT

Portuguese as a second language or a heritage language is currently an established and respected field abroad, particularly in United States academia. Although the reality of teaching the Portuguese language in its mother-tongue and lingua franca countries does not lack whatever scarcity of material and immaterial sources, the same cannot be applied to the courses taught in Portuguese or about Lusophone cultures overseas. Beyond the teaching of grammar and its syntax, a cultural grammar needs to be introduced and recreated distant from their native scenarios. Music, cinema and cultural practices, like capoeira, are of vital importance and optimize the learning of Portuguese as a second language. The multilayered messages embedded in a variety of national rhythms, the opulence of images present in intelligent documentaries or films, and the richness and the mysteries of body language and other corporal practices present in the movements of a capoeira circle are easily understood and represented in classes with a foreign audience whereby the complexity of semantics is alleviated by the careful incorporation of these rich elements. Film and music should not be seen or accounted for as testimony to a specific period in time or particular movement only, but also as a collective and vivid archive of one's feelings, dreams, and beliefs of Lusophone national identities.

Keywords: Portuguese as a second- language, Portuguese as a heritage language, cinema, musica, cultural grammar and immaterial sources.

### REFERÊNCIAS

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação, e interação**. Charles Bazerman; Angela Paiva Dionisio, Judith Chambliss Hoffnagel; revisão técnica Ana Regina Viera. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BENEVIDES, Carolina. **125 anos de abolição: família avança no ritmo do progresso do Brasil**. 13, mai. 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/125-anos-de-abolicao-familia-avanca-no-ritmo-do-progresso-do-brasil-8344709>.

Acesso em 03 mar. 2017.

CLEMENCE M.C, Jouët-Patré et al. **Ponto de encontro: portuguese as world language**. 2. ed. Boston: Pearson/Prentice Hall, 2007.

COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. São Paulo: Schwarcz Ltda, 1992.

DAMATTA, Roberto. **O que é o Brasil?** Um racismo à brasileira. Rio de Janeiro: Rocco, 2004, p.21-22.

FRENCH, John. **Undergraduate and Graduate Teaching Syllabi and Handouts: Sharing the Riches of Afro-Brazilian History and Culture**. Durham, NC: The Consortium in Latin American Studies at the University of North Carolina at Chapel Hill and Duke University. African & African - American Studies: 2002.

HOEG, Peter. **Smilla's Sense of Snow**. New York: Delta Books, 1995.

LOPES, Victor. **Línguas: vidas em português**. TVZero. Sambascope: Paris Filmes. Sd.

MORICONI, Italo. **Os cem melhores poemas brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 18p.

NOLEN, Stephanie. **The Globe and Mail**. Brazil's colour bind. 2017. <http://www.theglobeandmail.com/news/world/brazils-colour-bind/article25779474/>  
Acesso em 03 mar. 2017.

SEARA, Isabel Robored; MARQUES, Isabelle Simões. **Fundamentos do ensino de língua portuguesa como língua estrangeira**. Roosevelt, NJ: Boavista Press, 2016. p. 279-306.

TELES, Gilberto Mendonça de. **A retórica do silêncio: teoria e prática do texto literário**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980. p.13.

TELLES. Edward E. Racial Discrimination. **Race in another America**. EUA: Princeton University Press, 2004. p. 152.

## FILMES:

AINOUZ, Karim. **Madame Satã**. Brasil e França: Video Filmes, 2002.

AINOUZ, Karim. **O céu de Suely**. Brasil, França e Alemanha: Celluloid Dreams, Fado Films e Video Filmes, 2006.

AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

AZEVEDO, Licínio. **A Ilha dos Espíritos**. Moçambique: Ébano Multimídia/ Technoserve, 2009.

BABENCO, Hector. **Carandiru**. Brasil, Argentina, Itália, 2003.

BARRETO, Bruno. **Dona Flor e seus dois maridos**. Embrafilme, Paramount Pictures & Warner Bros Pictures, 1976.

BRANT, Fernando; BORGES, Márcio; BORGES, Lô. **Para Lenon e McCartney**. EMI Odeon, 1976.

CABALEIRO, Zeca. **Samba do Approach**. Vô Imbolá, 1999.

FARIAS, Mauricio. **Verônica**. Brasil: Fraiha Produções, Globo Filmes e Boa Vida produções, 2009.

FLEMMING, Victor. **O vento levou**. International Pictures & Metro-Goldwyn-Mayer, 1939.

\_\_\_\_\_ **O mágico de Oz**. MGM, EUA: Turner Entertainment & Warner Bros, 1939.

GIL, Gilberto. **Parabolicamará**. Acústico MTV. 1994.

GOMES, Flora. **Nhá Fala**. Portugal, França e Luxemburgo, 2002.

GOMES, Marcelo. **Era uma vez eu, Veronica**. Brasil: Dezenove Som e Imagens, Umedia e Rec Produtores Associados, 2012.

JOBIM, Antonio Carlos. **Águas de Março**. Disco de Bolso, o Tom de Jobim e o Tal de João Bosco, 1972

KUBRICK, Stanley. 2001, **uma odisséia do espaço**. EUA & Reino Unido: Metro Goldwyn- Mayer, 1968.

PRATA, Teresa. **Terra Sonâmbula**. Moçambique e Portugal: Filme Fundo & Ébano Filmes, 2007.

SANTOS, Nelson Pereira dos. **Vidas Secas**. Herbert Richers, 1967.

SOLBERG, Helena. **Vida de Menina**. Brasil: Radiante Filmes, 2005.

SOUZA, Camilo de Souza; NORONHA, Isabel. **Na dobra da Capulana**. Moçambique: Mocik- Cineastas Moçambicanos Associados, 2014.

TIMKHOMIROFF, João Daniel. **Besouro**. Brasil: Globo Filmes, 2009.

WILDER, Billy. **O pecado mora ao lado**. EUA: 20th Century Fox, 1955.

WISE, Robert. **O dia em que a terra parou**. EUA: 20th Century Fox, 1951.